

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão

Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoia 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n^{os} 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidade*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarde Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

PRODUÇÕES CERÂMICAS DA BRAGA MEDIEVAL: CULTURA E AGÊNCIA MATERIAL

Diego Machado¹, Manuela Martins²

RESUMO

O estudo da cerâmica é devedor de séculos de sistematizações e categorizações que buscaram identificar e produzir um quadro formal, tecnológico e decorativo de objetos provenientes de intervenções arqueológicas, capaz de assegurar a sua datação e enquadrar os processos de fabrico. Contudo, pouca atenção foi dada à relação entre os objetos e as pessoas, sejam os seus produtores ou consumidores, pouco se tendo avançado na compreensão do modo como os materiais interagem com os indivíduos e a sociedade. Com base nas novas abordagens que nasceram do diálogo entre diversas áreas científicas, como a Antropologia, Semiótica, Psicologia, Neurociências, *e.g.*, procuraremos valorizar as produções cerâmicas medievais de Braga enquanto agentes sociais, *i.e.*, como um produto da interação entre pessoas, materiais e cultura.

Palavras-chave: Cerâmica; Braga; Agência; Cultura material.

ABSTRACT

The study of pottery is the result of centuries of systematization and categorization that sought to identify and produce a formal, technological and decorative framework of objects from archaeological excavations able to ensure dating and frame the manufacturing processes. However, little attention was paid to the relationship between objects and people, whether their producers or consumers, making little progress in understanding the way materials interact with individuals and the society. Based on the new approaches born from the dialogue between different scientific areas, such as Anthropology, Semiotics, Psychology, Neurosciences, *e.g.*, we will seek to place value on the medieval ceramic productions of Braga as social agents, that is, as a product of the interaction between people, materials and culture.

Keywords: Pottery; Braga; Agency; Material culture.

1. INTRODUÇÃO

A constituição do homem moderno e a afirmação das ciências modernas tem como um dos seus mais importantes pilares o que se convencionou chamar de dualismo mente-corpo, ou dicotomia cartesiana, atribuído a René Descartes o seu principal expoente, especialmente exposto na sua obra *Discurso sobre o Método* (2001), onde se encontra a famosa afirmação *cogito ergo sum* (penso, logo existo) e nas *Meditações sobre a Filosofia Primeira* (2004). Essa premissa filosófica estabelece que a mente e o corpo são duas entidades ontológicas distintas, sendo a primeira pura e indivisível, radicalmente diferente do corpo físico, que é material e divisível. A mente, expressão *par*

excellence da consciência e autoconsciência, é imaculada, independente do corpo e completamente dissociada do ambiente à sua volta.

Essa premissa dualista foi fundamental para o desenvolvimento do pensamento ocidental ao longo da modernidade, presente, por exemplo, no primado da Razão de Kant (2001), enquanto marcador absoluto da diferença entre os humanos e os demais seres, ou mesmo no surgimento das neurociências, no século XX, que se apropriaram de uma perspectiva computacional para explicar o funcionamento do cérebro (Hayles, 1999). Vemos essa conceção igualmente presente no seio da Arqueologia, bem retratada por Vere Gordon Childe, ao definir essa disciplina como aquela que estuda os materiais, fruto do com-

1. Bolseiro FCT 2020.06565.BD; Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho; LabPT / diegosfmachado@gmail.com

2. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho; Lab2PT / mmmartins@uaum.uminho.pt

portamento humano, com o objetivo de aceder ao seu pensamento (2015). Ou seja, o comportamento é o que liga e simultaneamente separa o pensamento da matéria e do mundo físico.

A aceitação da tradicional oposição entre mente e matéria na ciência arqueológica constitui um paradoxo epistemológico, pois, se a Arqueologia tem por objetivo o estudo das sociedades do passado, os seus modos de vida e o significado das suas ações a partir da cultura material, a impossibilidade de aceder ao pensamento humano negaria esse mesmo objetivo. Esta questão tem vindo a ser reavaliada no quadro do debate teórico pós-moderno, sendo indispensável repensar teórica e metodologicamente a análise dos materiais arqueológicos, com o objetivo de produzir uma nova linha de abordagem capaz de integrar as componentes biopsicossociais que confluem para a constituição humana, ou *l'homme total* maussiano (2003).

Neste trabalho, procuramos apresentar uma proposta de estudo das produções cerâmicas medievais de Braga à luz de uma perspetiva integrada da interação entre materialidades e as pessoas que as produzem, a partir da possibilidade dos objetos poderem ser percebidos como agentes sociais, intimamente constitutivos daquilo que é a experiência humana no tempo.

2. O LENTO ROMPIMENTO COM O DUALISMO CARTESIANO

Ao longo da Idade Moderna e dos princípios da contemporaneidade, alguns autores propuseram outros modos de se pensar o problema mente-corpo, embora sem uma aceitação mais ampla pela produção intelectual. É o caso das correntes monistas, geralmente associadas a uma evocação religiosa, como a *Monadologia*, de Gottfried Leibniz (2016), ou aquelas que, embora problematizem as assertivas de Descartes, não rompem por completo com o dualismo cartesiano, de entre os quais podemos destacar Friedrich Nietzsche (2001) e Bertrand Russell (Marcondes, 2007, p. 173). Outros autores propuseram um abandono mais incisivo das premissas que instituíram o dualismo, como o filósofo Charles Peirce, quando propôs um processo semiótico baseado na noção tripartida do signo, onde está presente a componente material como uma possibilidade (1932), o que difere radicalmente da proposta dualista de Saussure, que leva em conta apenas o significante (ideia) e o significado (símbolo) (2006). Ou, ainda, Maurice Merleau-

-Ponty (1999) e Jean-Paul Sartre (2004), nos seus estudos fenomenológicos, ao colocarem a percepção e a subjetividade como instrumentos fundamentais para a constituição do mundo, de si e da sua relação com o corpo e a realidade. Também António Damásio, na obra *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro humano* (2012), apresenta, sob uma perspetiva neuroanatômica, o funcionamento da mente e a concomitância entre a criação do cérebro e do corpo.

Apesar de bastante recentes, as novas propostas para compreendermos a mente e a sua relação com o cérebro, o corpo e o ambiente estão representadas numa grande diversidade de áreas científicas que, nas últimas décadas, têm possibilitado uma reflexão multidisciplinar desses temas. No âmbito da Nova Arqueologia alguns arqueólogos voltaram-se mesmo para o estudo etnográfico da sociedade contemporânea, produzindo-se os primeiros trabalhos em Etnoarqueologia, com importantes expoentes como Lewis Binford (1978; 2002), Richard Gould (1966; 1977) e Ian Hodder (1982). Assim, os etnoarqueólogos lograram estabelecer frutíferas análises materiais das sociedades que estudaram, no seio daquilo que se convencionou chamar “arqueologia processual”, ou na sua sucessora, “pós-processual”, mais voltada para a compreensão dos significados atribuídos aos objetos, inseridos em sistemas cognitivo-simbólicos (David & Kramer, 2001). Porém, pouco se avançou no debate teórico necessário para a promoção de uma relação entre mente e materialidade, permanecendo as preocupações com os limites desses conceitos e da sua utilização para a análise dos dados arqueológicos, como se pode observar por afirmações como “ideias nas cabeças das pessoas pré-históricas” (Hodder, 1995, p. 15), aludindo a uma divisão radical entre os pensamentos, que se situam no interior da mente e os materiais, localizados no mundo externo.

Seria apenas a partir das décadas de 1980 e 1990 que a chamada “Antropologia da Tecnologia”, intimamente radicada numa tradição francesa, incrementará os estudos das cadeias operatórias associadas à produção de objetos. Embora seja possível destacar alguns antecessores desse movimento, como Marcel Mauss e do seu discípulo André Leroi-Gourhan, que se debruçou sobre a evolução das técnicas de aquisição, transformação e uso das matérias-primas (1970; 1984), seria com Pierre Lemonnier (1986; 1996) que esses estudos ganhariam força entre os antropólogos e arqueólogos.

Paralelamente, os estudos semióticos de matriz não-saussureana, nos quais a materialidade é considerada um elemento que carrega parte dos processos de atribuição de significados, ganharam fôlego em meados e finais do século XX, seja no âmbito da História da Arte, com Erwin Panofsky (1972; 2002), da Antropologia, com os contributos de Alfred Gell (1998), ou da Arqueologia, com destaque para a obra *Archaeological semiotics*, de Robert Preucel (2006).

A formulação de uma teoria da cultura material que possibilite uma análise mais ampla das materialidades arqueológicas e forneça instrumentos de significação dos objetos exige uma abordagem que valorize os contributos provenientes de variadas áreas científicas. A já datada dicotomia entre a mente e o corpo não encontra lugar nos recentes avanços das ciências, nos quais a compreensão humana passa pela valorização das componentes psicológica, biológica e social e a percepção do corpo, espaço e materialidades deixa de ser uma relação com o “outro”, mas a verdadeira constituição de “si”. A relação entre pessoas e objetos é definidora de indivíduos e sociedades e o comportamento humano não necessariamente tem um papel de mediador entre pensamento e materiais, pois a capacidade de agência mútua é um dos elementos que caracteriza os modos como interagem.

3. AGÊNCIA: OS MATERIAIS COMO AGENTES SOCIAIS

O conceito de agência possui já uma longa tradição, tendo sido largamente utilizado por investigadores de áreas como a Psicologia, Direito, Estudos Culturais e Arqueologia, entre outras. A sua versatilidade constitui um importante instrumento de análise de um vasto conjunto de fenómenos e uma poderosa ferramenta para se compreender as sociedades e as relações entre os indivíduos. Trata-se da capacidade de realizar uma ação planeada, motivada a partir da intenção, crença ou desejo de quem a pratica (Taylor, 1985). A partir da formação consciente do poder de agência, o cérebro humano apropria-se do corpo e do ambiente com o intuito de nele realizar ações, que visam a sua modificação e a atribuição de sentido e significado ao seu mundo (Russell, 1996), seja de maneira individual ou social, enquanto membro de um grupo, classe, comunidade ou sociedade (Bandura, 1997).

Um dos pensadores que mais refletiu sobre o fenómeno da agência na relação entre pessoas e objetos

foi o antropólogo Alfred Gell, que definiu o conceito como a capacidade de provocar eventos causais, ou seja, quando algo ou alguém promove a realização de eventos que não são regulados por leis físicas ou naturais, preceituadas pelo sistema “causa-efeito”, mas por meio de intenções ou desejo (1998, pp. 16-17). Ao se afastar de uma perspectiva antropocêntrica, Gell alarga a abrangência do conceito de agência para além do fator intencional da consciência ou mente humana, reconhecendo o caráter recíproco entre pessoas e objetos na capacidade de produzir eventos causais. A realidade material não é inerte, um mero produto da ação humana que modifica a realidade à sua volta de modo a facilitar a sua vida, mas é ela também constituinte dos traços mais intrínsecos da sua consciência e identidade, pois os objetos são igualmente possuidores de biografias culturais que reiteradamente se apresentam aquando de sua produção ou consumo (Riggins, 1994; Appadurai, 1986). O modo como os objetos se podem tornar agentes sociais é, entretanto, diferente dos humanos. Devido à necessidade de serem criados, os objetos podem ser classificados como agentes secundários, por oposição à primazia ocupada por pessoas, sem que isso signifique uma redução na sua capacidade de agência. De facto, reside no estabelecimento de redes entre diferentes entidades humanas e não-humanas a possibilidade de se constituírem agentes e pacientes através da ligação entre o processo cognitivo e as estruturas espaço-temporais de distribuição de objetos no mundo artefactual, na rede que produz significados, na qual todos os objetos e pessoas se encontram (Gell, 1998).

Uma teoria da cultura material necessita, por isso, de ser capaz de articular as componentes pragmática e simbólica que todos os objetos possuem, ainda que em diferentes graus. Assim, pensar os artefactos a partir das ligações que estabelecem numa rede pode ser um caminho frutífero, que leva em conta a matéria e o signo, permitindo inferir diferentes assertivas sobre as suas potencialidades, restrições físicas e as relações que estabelecem com as outras entidades.

4. POTENCIALIDADES FÍSICAS E POSICIONAMENTOS NA REDE: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA

A abordagem metodológica que aqui apresentamos vai de encontro à proposta por Carl Knappet, na obra *Thinking through material culture* (2005), cujo objeti-

vo é fornecer um quadro de análise capaz de reunir as características físicas dos objetos, elementos intimamente associados às suas funções pragmáticas, mas igualmente mentais, quando busca compreender os seus significados, enquanto agentes sociais. As potencialidades físicas (*affordances* – cf. Gibson, 1979) dos objetos reúnem o conjunto de usos a ele atribuíveis a partir de suas características. Não se trata meramente de identificar a função que os objetos têm ou teriam para aqueles que os utilizaram, mas sim de realizar um reconhecimento mais amplo, que não se restringe ao modo “canônico” como eles interagem com a sociedade, envolvendo as suas potencialidades intrínsecas, nele identificáveis e não apenas a sua relação com os indivíduos. Relativamente às potencialidades físicas que um objeto eventualmente possui, são evidenciadas algumas restrições (*constraints* – cf. Norman, 1998) que limitam as suas possibilidades de ação: física, semântica, cultural e lógica. Essas condicionantes levam em consideração um conjunto bastante amplo de fenômenos, que interagem entre os aspectos materiais e os hábitos da sociedade que produzem e consomem os objetos. Assim, é importante notar a existência de uma certa proximidade conceptual entre essas restrições e as causas aristotélicas para a explicação dos fenômenos, designadamente material, formal, eficiente e final (Arist. *Física* II.3). Trata-se, em suma, do esforço por analisar os objetos em diferentes âmbitos e não como um produto isolado no mundo.

O cruzamento da análise das potencialidades e restrições permite uma análise alargada das possibilidades de uso dos materiais, ao mesmo tempo que evidencia as escolhas culturais de cada época, ou o rompimento com as normas sociais estabelecidas. Um bom exemplo desse fenômeno é a personagem infantil “O Menino Maluquinho”, do cartunista Ziraldo, cuja principal marca gráfica é a utilização de uma panela na cabeça (Figura 1). As potencialidades físicas de uma panela, dada a sua forma, dimensão e material, pode levar ao seu uso enquanto um adereço ou elemento de proteção à cabeça, apesar de, no seio das práticas culturais e sociais estabelecidas, esse objeto ter por função a preparação de alimentos ao fogo. Não se trata, portanto, da negação das causas materiais e formais, ou das restrições físicas e semânticas, mas sim da subversão da causa final ou da restrição cultural e lógica que o objeto possui. Por sua vez, na apreciação dos lugares que os obje-

tos ocupam dentro da rede de relações que estabelecem, tanto entre si como com os humanos, recorremos aos conceitos operativos de “*iconicidade*”, “*indexicalidade*” e “*factorialidade*”, que possibilitam realizar um conjunto bastante diverso de inferências. Esses termos apresentam proximidades com conceitos provenientes da Semiótica e da Retórica, uma vez que essas duas áreas do conhecimento trabalham com os movimentos cognitivos que buscam semelhanças e continuidades entre diferentes entidades (Knappet, 2005).

Quando analisamos as similaridades entre os objetos, sejam elas visuais, sonoras, olfativas, palatais ou táteis, estamos perante o elemento semiótico conhecido por ícone, assim como da figura retórica “*metáfora*”, cuja função é possibilitar a associação entre duas entidades a partir daquilo que as aproxima apesar das suas diferenças, mas mantendo-se claramente a diferenciação entre elas.

A “*indexicalidade*” retrata as diversas contiguidades existentes na análise de um objeto, ou a identificação de índices peircianos, nos quais se estabelece o vínculo entre o representante e a representação através dos fatores físicos que os unem (fumo e fogo, chão molhado e chuva, *e.g.*). Essa análise permite a elaboração de diversas inferências, como os produtores de uma manufatura, os seus consumidores, ou os demais objetos que compunham a sua utilização, entre outros. Uma taça de vinho do Porto carrega em si índices poderosos acerca de indústrias vítreas, os produtores de vinho no vale do Douro, ou as pessoas ou grupos que consomem a bebida. Sob a ótica das relações de contiguidade “*tomar um Porto*” é uma metonímia que carrega muitas informações materiais e alegóricas sobre um hábito.

Já a “*factorialidade*” leva em consideração os elementos simbólicos dos objetos, em termos semióticos, cujo paralelo na Retórica se encontra na *sinédoque*, na qual o signo assume uma parte pelo todo. Trata-se da capacidade de restituir a rede de significações que um determinado objeto está inserido, como os hábitos alimentares de um grupo, o consumo reservado a uma determinada classe, os dogmas seguidos por uma comunidade religiosa, etc. Estão igualmente presentes na análise da “*factorialidade*” a eventual permanência de *esqueumorfos*.

5. A CIRCULAÇÃO DE CERÂMICAS EM BRAGA ENTRE A ANTIGUIDADE TARDIA E A ALTA IDADE MÉDIA

As produções cerâmicas que abasteciam o mercado da cidade de *Bracara*, a partir do século IV, representavam uma generosa variedade de objetos, bem patente nos distintos fabricos presentes na cidade, que evidenciavam diferentes formas, acabamentos e decorações. Por sua vez, o pujante dinamismo comercial a nível regional e “global”, contribuía para influenciar a produção local, inspirando a produção de imitações das peças importadas. No entanto, no espectro cronológico em avaliação neste trabalho podemos assinalar dois períodos diferenciados que sinalizam alterações nas produções e circulação das cerâmicas. O primeiro deles abrange o período entre os séculos IV-VI, que se inicia nos finais do século III, com a promoção de *Bracara* a capital da província romana da *Gallaecia*, no reinado de Diocleciano, incluindo ainda os séculos V e VI, que coincidem com a fixação do reino suevo que termina em 585, com a anexação visigoda (Figura 2) (Martins & alii., 2018). O século IV testemunha um grande dinamismo político e económico de Braga, enquanto local de residência de uma elite administrativa consumidora de bens e produtos de qualidade, entre os quais se incluíam os objetos cerâmicos que chegavam aos mercados de *Bracara*. Com efeito, assinala-se uma forte presença de materiais importados, em especial de *sigillata* hispânica e africana, na origem de imitações de grande qualidade técnica, elaboradas pelos oleiros da cidade, uma produção enquadrada no grupo I das chamadas cerâmicas cinzentas tardias (Fernández Fernández, 2018). São ainda conhecidas outras produções cerâmicas do século IV, representadas pelas cerâmicas de engobe branco e vermelho, ambas de grande qualidade. As primeiras destinavam-se a uso à mesa, apresentando acabamentos que recebiam polimento e um característico engobe branco que dá nome à produção. Por sua vez, as cerâmicas de engobe vermelho representam um fabrico pouco depurado, com um acabamento caracterizado por alisamento e aplicação de engobe rubro (Delgado & Morais, 2009).

Num segundo momento de evolução dos mercados bracarenses tardo antigos, a partir de 585, quando a região passa a depender de Toledo (séculos VI/VII) e até aos inícios do século VIII, percebe-se uma clara retração do dinamismo económico e comercial que havia caracterizado o período anterior. Acreditamos que esse fenómeno estará associado com a perda de importância política e militar de *Bracara* nos finais do século VI, apesar da manutenção de seu estatuto

de grande destaque no seio da estrutura administrativa católica enquanto diocese metropolitana (Díaz Martínez, 2018; Silva, 2018). Essa mudança associa-se igualmente à retração da rota atlântica, que abastecia os mercados setentrionais da Hispânia a partir do Mediterrâneo, desde o século I, bem como às gradativas alterações das relações sociais e económicas da cidade, resultante da diminuição do seu protagonismo local, regional e peninsular.

Com efeito, a diversidade de peças, em especial as produzidas localmente, vai gradativamente sofrer alterações, ao longo do século V, resultando, na centúria seguinte, num consumo menos diversificado, pois as produções de engobe vermelho e branco tendem a desaparecer até ao século VII, registando-se uma contração das importações que deixam praticamente de se verificar com a conquista árabe do norte de África, e posteriormente do sul da Península Ibérica, na transição do VII para o VIII. Por sua vez, o declínio das produções finas locais, caracterizadas pelos fabricos em engobe vermelho e branco, parece estar associado com a recuperação das olarias norte-africanas após os acordos que se terão firmado entre os reinos ocidentais com Roma e Constantinopla e com os vândalos, que possibilitaram a estabilidade no Mediterrâneo e a retoma das rotas comerciais. Desse modo, foram retomadas as importações das *sigillatas* africanas, o que pode estar na génese da queda nas produções bracarenses, que perderam espaço no mercado regional (Fernández Fernández, 2013; 2018)

Se, por um lado, assistimos ao gradativo declínio dos fabricos finos e, posteriormente, ao fim do comércio marítimo com os mercados mediterrânicos, por outro, fica patente a afirmação das cerâmicas cinzentas tardias como a principal produção local, a única produção do século VII. Esse fabrico recobria um grande espectro formal e funcional, assim como tecnológico, tendo sido responsável pelo abastecimento dos mercados da cidade e da região com recipientes de cozinha, despensa e mesa, assim como para armazenamento. Como consequência o fabrico das cinzentas tardias torna-se dominante no período medieval. Com efeito, a produção cerâmica bracarense entre os séculos VIII-XI assinala a presença de alguns grupos técnicos e formais cuja tonalidade das pastas e qualidade dos acabamentos assinalam uma continuidade dos fabricos tardios do período precedente, com uma variação cromática entre o cinza claro e o negro, cozeduras redutoras, tratamentos bastante

ligeiros sobre as superfícies e decorações bastante simples, presentes apenas numa minoria dos recipientes (Fontes & Gaspar, 1997, p. 212).

6. A PRODUÇÃO CERÂMICA DA BRAGA MEDIEVAL: AGÊNCIA MATERIAL

Os estudos das transformações nas produções cerâmicas da região de Braga na Idade Média, apesar de pouco desenvolvidos, centram-se, quase exclusivamente, em análises formais, tecnológicas e decorativas, procurando estabelecer quadros tipológicos que possibilitem a sua utilização como fósseis diretores, usados no processo de datação relativa de níveis e estruturas medievais. Essa perspectiva de estudo foi capaz de produzir um corpo de referência válido para a análise diacrónica da cerâmica medieval de Braga, a qual se insere nos objetivos do Projeto de Arqueologia de Braga, que visa o estudo da cidade entre a época romana e os inícios da contemporaneidade. Embora a abordagem da cerâmica como fóssil diretor continue a ser necessária, seja para afinar as cronologias de produção e circulação dos objetos, seja pela identificação de novas peças, é possível propor outro tipo de análises dos materiais cerâmicos, procurando, designadamente, valorizar a interação entre pessoas e objetos. Na verdade, todas as produções materiais representam o resultado de uma intrínseca relação entre dois atributos: a materialidade, que revela dados associados às matérias-primas e tecnologias de produção e a sociedade geradora de necessidades materiais e instrumentais, associadas às atividades, mas também de conceitos simbólicos e identitários. Materialidade e sociedade constituem-se, por isso, como elementos fundadores da cultura material. Na verdade, acreditamos que a metodologia de análise material anteriormente abordada, apoiada em componentes interdisciplinares, seja capaz de fornecer um panorama interpretativo mais alargado das cerâmicas medievais da região bracarense, bem como uma compreensão mais aprofundada das complexas redes pragmáticas e simbólicas em que esses objetos se encontravam.

Mau grado a imensa dificuldade em se identificar níveis estratigráficos seguramente datados dos séculos VIII-XI em Braga, apesar de se encontrarem produções desse período em níveis de revolvimento posteriores, fenómeno já discutido por outros investigadores (Gaspar, 1995; Fontes & Gaspar, 1997), o estudo do material alto-medieval tem recorrido às interven-

ções realizadas em zonas arqueológicas próximas da cidade de Braga, com contextos melhor datados (Figuras 3 e 4), como a igreja de S. Martinho de Dume (2 km de Braga) e o castelo de Penafiel de Bastuço (6 km de Braga). A presença em Braga de peças que apresentam uma clara semelhança com as encontradas nos locais referidos, em contextos relativamente bem datados, permite o estabelecimento de um quadro de referência da circulação dos recipientes que abasteceram a região entre os séculos VIII-XI.

As potencialidades e restrições físicas dos recipientes identificadas em Dume são caracterizadas maioritariamente por formas fechadas e algumas poucas abertas, de médias dimensões, produzidas em argila micácea, com desengordurantes visíveis de tamanhos variados, representados, sobretudo, por quartzos, feldspatos e cerâmica moída, apresentando colorações que variam entre o castanho e cinzento. As suas propriedades semânticas e culturais, expressas através da relação forma - função, permitem classificar as peças como potes (Fig. 3, 1-6), panelas (Fig. 3, 7-8), bilhas (Fig. 3, 9), alguidares (Fig. 3, 10), pratos (Fig. 3, 11) e talhas (Fig. 3, 12) e classificá-las como recipientes associados à armazenagem e preparação de alimentos. Já as peças como as bilhas e pratos, menos representadas no registo arqueológico, estariam relacionados com o serviço de mesa.

À semelhança do que acontece com os objetos identificados em Dume, aqueles que são provenientes do castelo de Penafiel de Bastuço, recuperados em camadas datáveis dos séculos X-XI, apresentam pastas igualmente micáceas e desengordurantes com calibre entre o pequeno e o médio, exibindo superfícies com tonalidades castanhas e acinzentadas. As formas, entretanto, apresentam uma variedade significativamente menor, devido ao alto grau de fragmentação das peças, tendo sido reconhecido apenas potes ou panelas (Fig.4, 1-3).

A análise dessas produções a partir de sua “*indexicalidade*”, ou seja, dos possíveis índices que conseguimos estabelecer, permitem a proposição de algumas inferências. A caracterização das pastas e elementos não-plásticos alude a argilas e modos de fabrico típicos da região bracarense, particularmente de barreiros localizados na zona de Prado/Ucha. Com efeito, são verificadas grandes semelhanças entre esses fabricos e aqueles designados por grupo 2 da cerâmica cinzenta tardia, uma produção tardo antiga, com cronologia balizada entre os séculos V-VII (Delgado & Morais, 2009, pp. 61, 68-69), cujos

estudos analíticos confirmaram a origem desses objetos na referida região (Gaspar, 2000, pp. 81-85).

Não obstante, para além dessa semelhança acerca do fabrico, podemos assinalar uma contiguidade a nível formal. As cerâmicas cinzentas tardias dividem-se em dois grupos, que apresentam pastas com grande quantidade de elementos desengordurantes e coloração cinzenta, cozidas em ambiente redutor, sendo a sua diferenciação feita a nível da técnica de fabrico, formas e acabamentos (Figuras 5 e 6). No grupo 1 enquadram-se os objetos que revelam um maior investimento, feitos ao torno e com uma variedade morfológica que imita ou se inspira em peças importadas, representadas, sobretudo, por taças, tigelas e pratos originalmente produzidas em *terrae sigillatae* africanas, focenses e gálicas. Por sua vez, o grupo 2 caracteriza-se por um quadro formal eminentemente comum, no qual estão presentes recipientes fechados, como potes, bilhas e vasos de armazenagem, e abertos, de que são exemplo as tigelas, pratos, travessas e tachos de asa interior, produzidos ao torno ou manualmente, através da técnica do rolo, apresentando paredes espessas e as superfícies apenas alisadas ou escovadas, acabamento que, geralmente, restringe-se ao exterior da peça (Gaspar, 2000; Delgado & Morais, 2009, p. 61).

As relações de contiguidade da cerâmica comum alto medieval que aludimos evidenciam-se em relação ao grupo 2 das cinzentas tardias, cuja expressão se revela nas características visuais, associadas às formas e coloração das superfícies, mas também nas táteis, ambas revelando um acabamento pouco cuidado e superfícies rugosas, podendo ainda ser estendidas às técnicas de fabrico, ambiente de cozedura e área de circulação, *grosso modo*, a região de Braga. No que toca à “*factoralidade*”, ou seja, à análise que leva em conta as relações do signo enquanto uma sinédoque, uma parte de um todo, salientamos novamente o quadro morfológico recuperado dos fabricos comuns dos inícios da Idade Média. Além de reiterar a baixa variedade formal dos recipientes, devemos indicar a desproporcionalidade entre as formas reconhecidas. Os potes e bilhas representam cerca de 88% de todo o conjunto identificado em Braga e Dume, enquanto os outros recipientes, designadamente vasos de armazenagem, tigelas, pratos, travessas e tachos de asa interior, ficam reduzidos a, sensivelmente, 12% das peças consumidas (Fontes & Gaspar, 1997, p. 206).

A presença maioritária de objetos associados ao ar-

mazenamento de géneros alimentícios e líquidos em oposição àqueles que teriam uma função de serviço de mesa pode simbolizar um hábito de consumo associado a práticas de partilha de alimentos e de comensalidade em grupo, na qual é deveras reduzida a necessidade de pratos, tigelas, taças, copos, púcaros, malgas ou demais loiças que configuram uma individualidade mais expressiva à mesa.

Se retomarmos a análise comparativa entre os recipientes que abasteciam os mercados bracarenses, entre os séculos V-VII e VIII-XI, percebemos que os hábitos alimentares, que tentamos assinalar anteriormente, adquirem um caráter de profunda transformação entre os dois períodos referidos. Com efeito, os fabricos consumidos na cidade durante a Antiguidade Tardia incluem as cerâmicas cinzentas tardias, os engobes vermelhos e brancos e as manufaturas importadas, como *terrae sigillatae* africanas, hispânicas, gálicas e focenses. Para além da diferença entre a diversidade de fabricos em circulação nos dois períodos, sobressai também uma maior presença de objetos com funções ou usos distintos, designadamente taças, cálices, jarros em engobe branco, pratos, tigelas e taças em engobe vermelho, bem como as já referidas cinzentas tardias do grupo 1 e as formas originais que elas imitam, cujas formas apresentam sensivelmente a mesma variedade das anteriores (Delgado & Morais, 2009). Esta variabilidade de produções contrasta com os singelos potes e bilhas que dominam os níveis alto medievais.

Assim, podemos considerar que ao longo do período tardo-antigo estaríamos diante de uma sociedade cujos hábitos à mesa são significativamente distintos do período alto medieval, o que significa uma profunda alteração do modo de conceber as relações entre as pessoas e as práticas de comunhão designadamente dos alimentos. Na verdade, a marca da individualidade perante os hábitos alimentares é deveras expressiva do contexto social e económico, refletindo, na microescala, o modo de vida e a conceção de práticas de comensalidade. Contudo, ao alterarmos a escala de análise, ou passarmos de uma abordagem material para a superestrutura social, vemos como as transformações nas relações entre pessoas e os recipientes cerâmicos utilizados na cozinha, despensa e mesa, funcionam como uma sinédoque do quadro geral da economia e das tensões políticas que estão a se desenrolar na cidade. Assim, a passagem do mundo romano para o suevo apresenta traços de grande continuidade, muito mais

que rururas, seja a nível comercial, com a permanência das grandes rotas marítimas, seja cultural, com o reforço da ação dos bispos e a ampliação da cristianização da comunidade diocesana (Machado & alii, 2020; Machado, no prelo). Nesse período, mantém-se uma forte hierarquização da sociedade, na qual se reconhece uma inevitável competição entre o alto clero, as antigas elites hispanas romanas cristianizadas e a nova nobreza sueva, a qual está igualmente presente na produção e consumo de bens materiais, cuja diversidade produtiva e formal se orienta para estratos sociais e económicos distintos (cf. Veblen, 2018). Assim, na Antiguidade Tardia reconhece-se a persistência da componente performativa de emular os hábitos culturais romanos e a competição social e económica que lhes é subjacente.

Foi apenas na Alta Idade Média que se registou uma transformação estrutural da sociedade bracarense, que se vê empobrecida e política e socialmente fragilizada depois da invasão muçulmana dos inícios do século VIII. A insegurança que levou à transferência do alto clero para Lugo e as dificuldades no controlo dos territórios minhotos, na ausência de um poder político residente e certamente também da diáspora das elites urbanas, enfraqueceu a cidade que não teve capacidade para se reconstruir, o que se encontra testemunhado numa retração bastante expressiva de natureza populacional e urbanística (Ribeiro, 2008; Martins & alii, 2016), facto que se refletiu na reconfiguração do tecido social da cidade alto medieval muito menos hierarquizado em comparação ao período precedente. As mudanças nas condições políticas, económicas e comerciais, que se tornaram, necessariamente, mais regionais, sem a pujança da integração do mundo atlântico e mediterrânico, produziu uma sociedade bastante diferente, seja na relação entre as pessoas, seja com os objetos que consumiam e a forma como o faziam.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como as sociedades se organizam, os substratos culturais e sociais que as compõem e os valores éticos e estéticos que produzem as suas normas de conduta e o relacionamento entre os indivíduos, determinam uma íntima e permanente relação com os elementos materiais que as compõem. Dentro das complexas redes de significados que entrelaçam as pessoas com as suas produções culturais, encontramos os objetos que são socialmente produzidos

e consumidos, exatamente por estarem em meio dessas redes, representando igualmente elementos constituintes de suas identidades e consciências.

O enorme esforço realizado nas últimas décadas para classificar e sistematizar as produções e os quadros morfológicos dos materiais cerâmicos, bem como a sua circulação, em todos os períodos históricos, resultou numa considerável melhoria dos procedimentos analíticos e interpretativos deste valioso espólio arqueológico. No entanto, acreditamos que a análise da cultura material, à luz de suas propriedades físicas e dos seus posicionamentos dentro de redes de significados, pode e deve oferecer-se como um caminho de grande utilidade para compreendermos essa cultura de modo mais aprofundado, quer do ponto de vista económico, quer social, ou estético. Por isso, assumimos o estudo de caso aqui apresentado como um modesto contributo para a reflexão teórica e metodológica da investigação das materialidades, muito particularmente da cerâmica, cuja afinação e debate se reconhece carecer de alguma urgência.

BIBLIOGRAFIA

- APPADURAI, Arjun, ed. (1986) – *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ARISTÓTELES – *Física*, livros I e II. Lucas Angioni (trad.) (2009). Campinas: Editora UNICAMP.
- BANDURA, Albert (1997) – *Self-efficacy: The Exercise of Control*. New York: W.H. Freeman and Company.
- BINFORD, Lewis (1978) – *Nunamiut Ethnoarchaeology*. New York: Eliot Werner Publications.
- BINFORD, Lewis (2002) – *In Pursuit of the Past: Decoding the Archaeological Record*. California: University of California Press.
- CHILDE, Vere (2015) – *Piecing Together the Past: The Interpretation of Archaeological Data*. London e New York: Routledge.
- DAMÁSIO, António (2012) – *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro humano*. São Paulo: Editora Schwarcz.
- DAVID, Nicholas; KRAMER, Carol (2001) – *Ethnoarchaeology in Action*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DELGADO, Manuela; MORAIS, Rui (2009) – *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Braga: CITCEM.
- DESCARTES, René (2001) – *Discurso sobre o Método*. São Paulo: Martins Fontes.
- DESCARTES, René (2004) – *Meditações sobre a Filosofia Primeira*. Campinas: Editora UNICAMP.
- DÍAZ MARTÍNEZ, Pablo (2018) – Requiario (448-456): Un

- rey para un reino frustrado. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge, ed. – *In tempore sueborum: el tiempo de los suevos en la Gallaecia (411-585), el primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, pp. 129-134.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2013) – *O comercio tardoantigo no Noroeste Peninsular. Unha análise da gallaecia sueva e visigoda a través do rexistro arqueolóxico*. Galicia: Editorial Toxosoutos.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2018) – El comercio en el noroeste peninsular en época tardo-antigua (siglos IV al VII)”. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge, ed. – *In tempore sueborum: el tiempo de los suevos en la Gallaecia (411-585), el primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, pp. 317-330.
- FONTES, Luís; GASPAS, Alexandra (1997) – Cerâmicas da região de Braga na transição da Antiguidade Tardia para a Idade Média. In DÉMIANS D'ARCHIMBAUD, Gabrielle, ed. – *La Céramique Médiévale en Méditerranée*. Aix-en-Provence: Narrations Ed. (Actes du VIe congrès de l'AIECM2), pp. 203-212.
- GASPAR, Alexandra (1995) – Cerâmicas Medievais de Braga. In *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 253-260.
- GASPAR, Alexandra (2000) – *Contribuição para o estudo das Cerâmicas Cinzentas dos séculos V-VI d.C. de Braga*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado em Arqueologia).
- GELL, Alfred (1998) – *Art and Agency: An Anthropological Theory*. Oxford: Clarendon Press.
- GIBSON, James (1979) – *The Ecological Approach to Visual Perception*. Boston: Houghton Mifflin.
- GOULD, Richard (1966) – *Archaeology of the Point St. George Site and Tolowa Prehistory*. Berkeley: University of California Press.
- GOULD, Richard (1977) – Ethno-archaeology; or, where do models come from? In WRIGHT, Richard, ed. – *Stone Tools as Cultural Markers*. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies, pp. 162-168.
- HAYLES, Nancy (1999) – *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*. Chicago: University of Chicago Press.
- HODDER, Ian (1982) – *Symbols in action: Ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HODDER, Ian (1995) – *Theory and Practice in Archaeology*. London e New York: Routledge.
- KANT, Immanuel (2001) – *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- KNAPPET, Carl (2005) – *Thinking through material culture: an interdisciplinary perspective*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LEIBNIZ, Gottfried (2016) – *Monadologia*. Lisboa: Edições Colibri.
- LEMONNIER, Pierre (1986) – The Study of Material Culture Today: Toward an Anthropology of Technical Systems. *Journal of Anthropological Archaeology*. Amsterdam, 5, pp. 147-186.
- LEMONNIER, Pierre (1996) – Et pourtant ça vole! L'ethnologie des techniques et les objets industriels. *Ethnologie Française*. 26 (1), pp. 17-31.
- LEROI-GOURHAN, André (1970) – *Milieu et technique: Évolution et techniques*. Paris: Éditions Albin Michel.
- LEROI-GOURHAN, André (1984) – *Evolução e técnicas: I – O Homem e a Matéria*. Lisboa: Edições 70.
- MACHADO, Diego (no prelo) – Economia e Sociedade em Bracara Augusta: o contributo dos tesouros numismáticos. In CAMPOS, Carlos, ed. – *Numisma: Estudos Interdisciplinares sobre Numismática Antiga*. Rio de Janeiro: Editora Desalinho.
- MACHADO, Diego; MARTINS, Manuela; MAGALHÃES, Fernanda; BOTICA, Natália (2020) – Dinâmicas económicas em Bracara na Antiguidade Tardia. In ARNAUD, José; NEVES, César; MARTINS, Andrea, eds. – *Arqueologia em Portugal: 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1467-1478.
- MARCONDES, Danilo (2007) – *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos e Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MARTINS, Manuela; MAGALHÃES, Fernanda; MARTÍNEZ PEÑÍN, Raquel; RIBEIRO, Jorge (2016) – The housing evolution of Braga between late antiquity and the early middle ages. In SABATÉ, Flocel; BRUFAL, Jesús, eds. – *Arqueologia Medieval: Hàbitats Medievalls*. Lleida: Pagès editors (Agira col.lecció; VIII), pp. 35-52.
- MARTINS, Manuela; RIBEIRO, Jorge; MAGALHÃES, Fernanda; MARTÍNEZ PEÑÍN, Raquel (2018) – Braga em época tardo romano e tardo antiga. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge, ed. – *In tempore sueborum: el tiempo de los suevos en la Gallaecia (411-585), el primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, pp. 235-240.
- MAUSS, Marcel (2003) – Técnicas do corpo. In *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, pp. 399-421.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1999) – *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- NIETZSCHE, Friedrich (2001) – *Além do Bem e do Mal ou Preldio de uma Filosofia do Futuro*. Curitiba: Hemus Livraria.
- NORMAN, Donald (1998) – *The Design of Everyday Things*. Cambridge: MIT Press.
- PANOFSKY, Erwin (1972) – *Studies in Iconology: Humanistic Themes in the Art of the Renaissance*. Colorado: Icon Editions.

PANOFSKY, Erwin (2002) – *O Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva.

PEIRCE, Charles (1932) – *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Vol. 2, Elements of Logic. Cambridge: Harvard University Press.

PREUCEL, Robert (2006) – *Archaeological semiotics*. Oxford: Blackwell Publishing.

RIBEIRO, Maria do Carmo (2008) – *Braga entre a época romana e a Idade Moderna: uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

RIGGINS, Stephen (1994) – *The Socialness of Things: Essays on the Socio-Semiotics of Objects*. Berlin: Mouton de Gruyter.

RUSSELL, James (1996) – *Agency: Its Role in Mental Development*. East Sussex: Erlbaum.

SARTRE, Jean-Paul (2004) – *The Imaginary: A phenomenological psychology of the imagination*. New York: Routledge.

SAUSSURE, Ferdinand (2006) – *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.

SILVA, Leila (2018) – Monarquia e Igreja na Gallaecia na segunda metade do século VI. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge, ed. – *In tempore sueborum: el tiempo de los suevos en la Gallaecia (411-585), el primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, pp. 135-138.

TAYLOR, Charles (1985) – *Human agency and language*. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge.

VEBLEN, Thorstein (2018) – *A Teoria da Classe do Lazer*. Coimbra: Editora Atual.

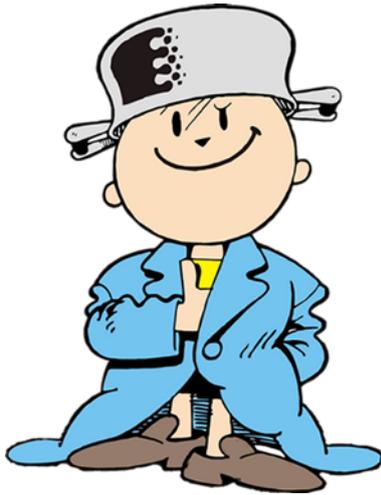


Figura 1 - Representação da personagem “O Menino Maluquinho” (©Ziraldo).



Figura 2 - Mapa político da Península Ibérica em meados do século VI (©UAUM).

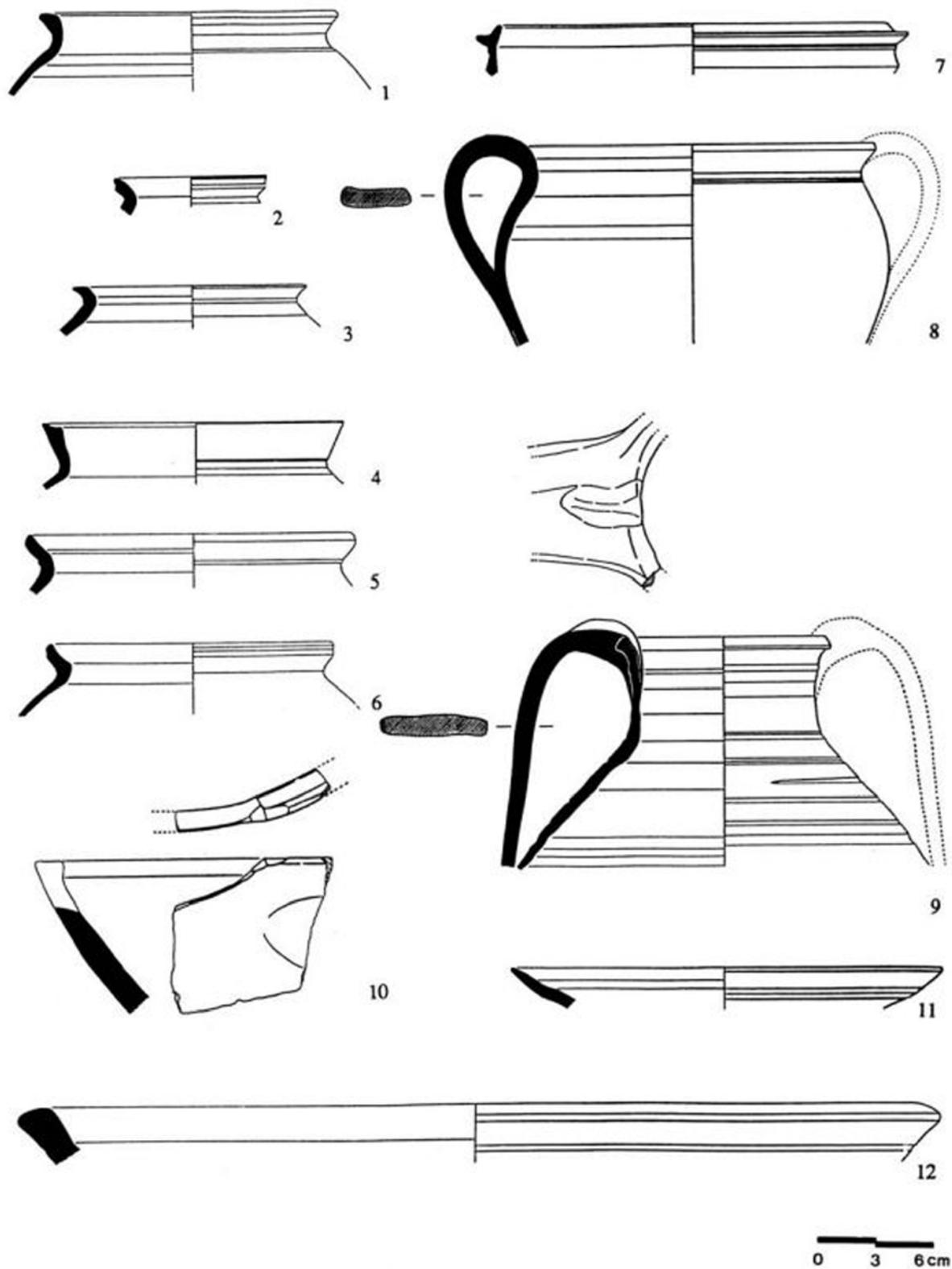


Figura 3 – Cerâmicas provenientes de Dume, séculos VIII-X (Fontes & Gaspar, 1997, Est. 5).

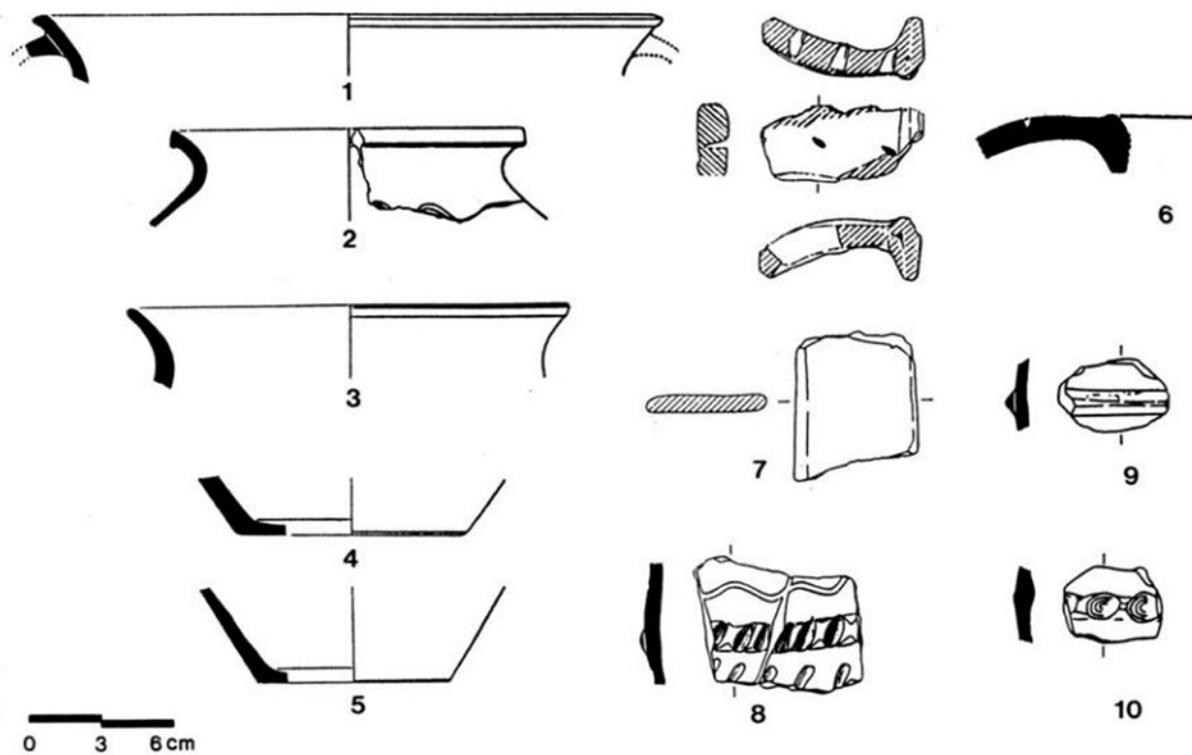


Figura 4 - Cerâmicas provenientes do castelo de Penafiel de Bastuço, séculos X-XI (Fontes & Gaspar, 1997, Est. 6).

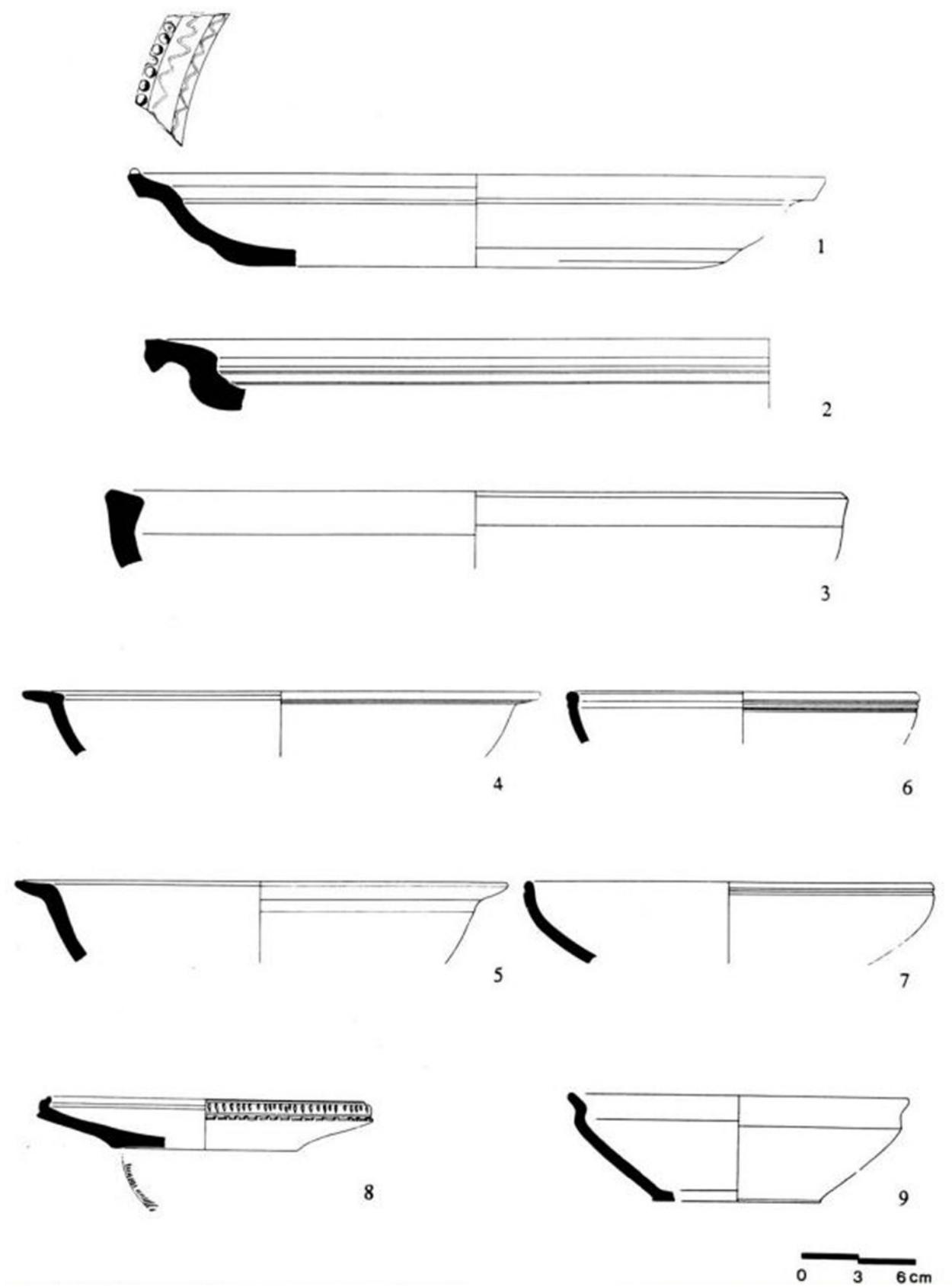


Figura 5 – Cerâmicas cinzentas tardias – grupo 1 (Fontes & Gaspar, 1997, Est. 2).

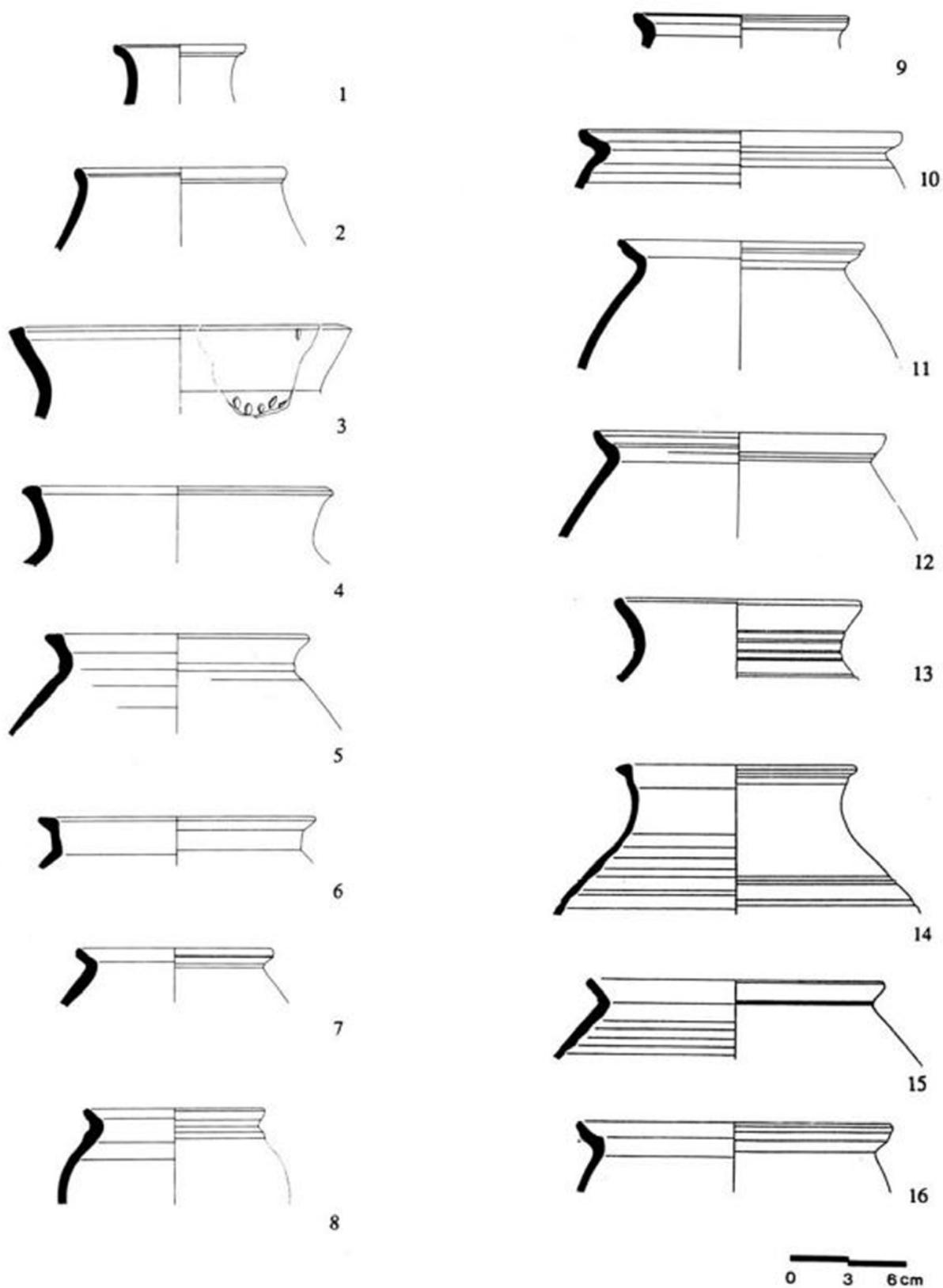


Figura 6 - Cerâmicas cinzentas tardias - grupo 2 (Fontes & Gaspar, 1997, Est. 3).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**